



RESENHA

VELOSO, Augusto Carlos Ferreira. *Os Artistas Dutra – oito gerações: presença de mais de dois séculos*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Sociedade dos Amigos da Arte de São Paulo, São Paulo, 2000, 152p.

FÁBIO SAN JUAN¹

Conteúdo do livro

O livro, descontadas as apresentações e prefácios, inicia com uma notícia nobiliárquico-genealógica, com um brasão de armas, estampado acima do texto explicativo sobre a origem da família Dutra. A seguir, o autor publica uma árvore genealógica, em duas páginas, fazendo despontar de sua raiz o que seria o iniciador dos ramos artísticos da família, Thomaz Dutra, até a oitava geração.

Em seguida, examina cada geração, detendo-se mais nos exemplos que tiveram atuação maior nas belas-artes, principalmente nos artistas profissionais, como Miguelzinho Dutra, seu neto Joaquim Dutra e seus bisnetos os irmãos Alípio, Antônio de Pádua, João e Arquimedes Dutra, e por isso apresentaram produção maior que os demais integrantes da família.

Além dos citados acima, destacam-se Benedito Dutra Teixeira (pertencente à quinta geração de artistas, maestro e compositor, profissional da música) e Gilberto Dutra (pertencente à sexta geração, arquiteto e pintor por *hobby*, mas excelente artista hiper-realista e participante de salões e concursos de arte, ganhando nestes inúmeros prêmios).

A edição, muito bem cuidada, apresenta copiosas reproduções de pinturas, *memorabilia* da família, como fotos de objetos, com destaque para as peças de

1 O autor é artista gráfico e professor de História da Arte licenciado pela UNICAMP. Natural de Piracicaba, já ministrou cursos e palestras em instituições como SESC, ESALQ/USP, Sindicato dos Bancários de Piracicaba, Prefeitura Municipal de Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entre outras. No momento, está concluindo a redação de um livro sobre a História das Artes Plásticas em Piracicaba.

ourivesaria de Thomaz Dutra, do final do século XVIII / início do século XIX, partituras e poesias dos membros literatos da família.

Embora o autor não aponte em notas de rodapé, no texto, as referências bibliográficas, ao final lista as fontes, tanto diretas como indiretas. Merecem destaque as referências bibliográficas aos periódicos consultados, muito valiosas para futuros pesquisadores.

Um fato curioso é a publicação das assinaturas dos artistas plásticos da família Dutra, o que pode auxiliar na autenticação de pinturas e outras obras artísticas por museólogos, antiquários, galeristas e colecionadores.

Crítica

O livro é fruto de uma pesquisa alentada, que levantou documentos e fontes de pesquisa inéditos. O próprio autor, que foi presidente da SOCIARTE – Sociedade dos Amigos da Arte de São Paulo, indica o maior mérito do livro, situando-o como uma valiosa fonte de informações sobre os Dutra. Não pretende ser obra literária, mas de referência. *“É evidente (...) que não se trata de peça de literatura, mas de uma coletânea de dados e notícias sobre os Dutra, crendo, no entanto, que será de valia para os pesquisadores e colecionadores”*, declara o autor na Introdução da obra.

Os artistas da família Dutra são um assunto fascinante e como tal merecem mais do que um só livro, não só pela aura romântica de uma família dedicada às artes, mas pela qualidade de suas produções.

Não se deve exigir do livro de Veloso uma postura crítica em relação ao assunto, por não ser essa a pretensão do seu trabalho. A coleção de dados levantados, mais as reproduções de pinturas e as *memorabilia* que, de outra forma, não estariam disponíveis ao público, são altamente meritórias e por si já justificam a obra.

No entanto, é necessário apontar o que talvez sejam os únicos dois defeitos da obra, pois são teses defendidas pelo livro, e que pela própria herança artística apresentada pela família não seriam necessárias: a “nobilitação” dos artistas Dutra e a extensão forçada da prática artística até a oitava geração.

Já era fato singular, na década de 1920, ocorrer no meio artístico paulista um quarteto de irmãos pintores. É inegável que os irmãos Dutra também cha-



mavam a atenção por isso. Mas, além de serem quatro irmãos praticantes da mesma arte, eram excelentes pintores figurativos de linha acadêmica, bem ao gosto da pintura praticada na época.

É fato interessante e significativo que a exposição dos irmãos Dutra tenha sido realizada na Casa das Arcadas em 1922, no mesmo ano da Semana de Arte Moderna, promovida por Oswald e Mario de Andrade. De um lado, a pintura figurativa acadêmica, da linha de Almeida Júnior e dos paisagistas franceses, com um sabor de “retorno à ordem” – ou seja, academicismo misturado ao já aceito e assimilado impressionismo – exposta num espaço da capital paulista de grande prestígio, a galeria da Casa das Arcadas. Do outro, “loucuras” que não eram nem um pouco compreendidas – cubismo, futurismo, e até um surpreendente cubo-futurismo – nem pelo público, nem pela ampla maioria dos próprios artistas que produziram trabalhos especialmente para a mostra plástica da Semana, que aconteceu no saguão do Teatro Municipal de São Paulo.

Longe de uma polêmica que só teria lugar muitos anos depois, os Dutra obtiveram boa aceitação entre o público e os críticos (Monteiro Lobato era grande apreciador das pinturas de Alípio), eram selecionados e premiados nos salões de belas-artes de todo o país, eram-lhes concedidas bolsas de estudos para o exterior (Alípio ganhou o prêmio de viagem do Pensionato Artístico de São Paulo em 1913, Antônio de Pádua em 1937 e Arquimedes em 1939).

É fato que, embora já tivessem aceitação e espaço garantido tanto na capital paulista quanto em Piracicaba, sua cidade de origem, iniciam os Dutra, principalmente Arquimedes, um processo de sobrevalorização de suas raízes, uma “nobilização” de sua família. Essa sobrevalorização culmina na defesa de sua tese de doutorado em 1972, junto à ESALQ/USP, “A Contribuição de Piracicaba na Arte Nacional”. Nesta tese, Arquimedes defende não só a grande contribuição dos artistas piracicabanos às artes no Brasil, principalmente os artistas figurativos, mas sublinha o papel pioneiro de Miguelzinho Dutra, seu bisavô, e atribui a ele a influência principal sobre os artistas da terra, supostamente pela prática da pintura de paisagens ao ar livre, rara na época, e que teria levado a uma preponderância do gênero paisagístico na arte praticada em Piracicaba.

Veloso adota a tese de Arquimedes e leva essa sobrevalorização/“nobilização” ainda mais longe, ao publicar o brasão de armas da família e atribuindo-

lhe uma origem nobre que remontaria ao século XV, além de estender a prática artística até a oitava geração a partir de Thomaz Dutra.

A falta de uma produção regular, ou seja, o fato de serem praticantes amadores e *hobbistas* de várias artes, embora mostrem dotes artísticos, não confere a muitos dos membros da família Dutra apresentados o *status* de artistas. Apresentam-se mais como curiosidades, e não como provas da tese do autor, que quer apresentar uma atividade artística familiar que seria ininterrupta por oito gerações, mas que apresenta lacuna na terceira geração e nenhum exemplo digno de destaque nas sétima e oitava.

Esse fato não retira, de maneira alguma, o mérito dos artistas realmente talentosos da família, talento esse que só pode demonstrado por uma produção regular e extensa, como o fizeram Miguelzinho (segunda geração), Joaquim (quarta geração), os irmãos Alípio, Antônio de Pádua, João e Arquimedes (quinta geração), Benedito (quinta geração) e Gilberto (sexta geração).